

# SEXUALIDADE E ESPIRITISMO

Alcione Moreno

## Índice

Resumo	2
Introdução	3
Definições de Sexualidade	4
Histórico de Sexualidade	5
Histórico de Sexualidade Humana	5
A Experiência Cultural no Ocidente	6
Sexualidade Atual	9
Delineando um Posicionamento Teórico	12
Resposta Sexual Humana	13
Sexualidade nas Obras Espíritas	15
Sexualidade nas Obras Correlatas	15
Conclusão	18
Referências Bibliográficas	19
Índice dos Esquemas	
Esquema 1- Critérios da Sexualidade	10

# **SEXUALIDADE E ESPIRITISMO**

## **Resumo**

Após a definição de sexualidade, é focado seu aspecto histórico - cultural, as dificuldades ainda existentes, e como o Espiritismo poderá auxiliar o ser humano a atuar a sexualidade de uma forma mais saudável.

## Resumen

Después de la definición de sexualidad, su aspecto histórico - cultural se enfoca, su deturpaciones, y como el Spiritism puede ayudar al ser humano para actuar la sexualidad de una manera más saludable.

## Summary

After the sexuality definition, its historical - cultural aspect is focused, its deturpaciones, and as the Spiritism it can aid the human being to act the sexuality in a healthier way.

## Introdução

Devido a sexualidade ser envolta por grande quantidade de mitos e dificuldades no ser humano, gostaria de tentar mostrar através de um histórico e na nossa cultura como a função sexual no ser humano foi deturpada, trazendo grandes alterações comportamentais, psicológicas, diminuindo e por vezes, ausentando o fluir de energias tão saudáveis através da sexualidade humana.

Penso que quanto mais informações pudermos obter mais claro ficará para enfrentarmos nossas dificuldades.

O Espiritismo como doutrina libertadora que é tem muito a contribuir, pois caminhando junto com as ciências como nos ensina Kardec, cada vez mais conheceremos o funcionamento da sexualidade humana, seu aspecto psicológico e orgânico.

Ao falarmos de sexualidade, não nos referimos simplesmente ao coito, como definiremos a seguir, mas da totalidade de expressão de nossos sentidos, em favor do fluir de nossa energia sexual.

Usarei o termo energia sexual para toda energia apreendida de nosso ser, não só do corpo, como também do espírito, quando utilizada para a sexualidade.

Desta forma entendemos sexualidade de forma abrangente, como tudo que trás prazer.

Infelizmente durante toda a história da civilização judaico-cristã, sexo a maioria das vezes, é visto como sujo, impuro, pecaminoso, ligado às coisas inferiores, aos demônios, perversão da carne, etc.

Em algumas obras espíritas, não muda muito esta idéia, com apoio ao celibato ( como aprimoramento do espírito) e relação sexual adequada apenas para a procriação.

Kardec para mim “O bom senso encarnado” nos liberta desta teias, ensinando-nos que o espírito não tem sexo, e sexualidade faz parte da constituição orgânica.

Foram muitos anos de repressão sexual, e como espíritos reencarnantes é muito difícil e lenta a libertação de preconceitos. Ainda hoje temos formas muito diferentes de criação do menino e da menina; por exemplo homem não chora, mulher tem que casar virgem, só mulher usa cor de rosa no vestuário infantil etc.

Muitos mitos ainda estão arraigados em nossa cultura, como a masturbação feminina e masculina, por exemplo, é difícil as pessoas encararem como natural e conversar com os seus filhos com naturalidade.

A dificuldade de ver e sentir o próprio corpo ( o quê gosto do meu corpo? O quê não gosto?) e tentar à partir destes dados, trabalhar em si mesmo, modificando , evoluindo nossos sentidos, crescendo.

A partir do “conhece-te a ti mesmo”, nos conhecer e conhecer o próximo, partilhar com ele este conhecimento.

Minha pretensão é enfocar aspectos informativos da resposta sexual humana, mostrar que o Espiritismo, auxilia-nos a quebrar nossas barreiras, e iniciar uma reflexão íntima sobre nossas próprias dificuldades, nossos medos, inseguranças, preconceitos para poder nos conhecer.

E como nos diz Reich “Amor, trabalho e sabedoria são as fontes da nossa vida. Deviam também governá-la”, convido a todos a caminhar comigo neste texto para que juntos troquemos idéias, fixamos conceitos e crescemos.

## Definições de Sexualidade

1. O conjunto dos fenômenos da vida sexual. <sup>(10)</sup>
2. Manifestações da identidade sexual. É como o indivíduo se comporta e se vê. Os gestos, comportamentos; maneira de sentar, falar, andar, são também manifestações da identidade sexual. <sup>(23)</sup>
3. É o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual. Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer, e procriar. <sup>(5)</sup>

Sexualidade deve ser diferenciada de:

### SEXO

1- Identidade masculino ou feminino. A primeira denominação que recebemos ao nascer, a que vem anotada na certidão de nascimento. <sup>(23)</sup>

2- É a característica dos atributos envolvidos, em princípio, na reprodução. Existe o sexo cromossômico, que é definido pelo tipo de cromossomos sexuais possuídos; o sexo gonádico, definido pelo tipo de gônada; o sexo legal, que é aquele em que o indivíduo é registrado ao nascer; o sexo de criação, que diz respeito a como a família cria cada indivíduo; o sexo social, que é o apresentado à sociedade. Dentro de cada sexo social, as preferências sexuais das pessoas podem se dirigir a indivíduo do sexo oposto (heterossexuais), do mesmo sexo (homossexuais), ou a ambos (bissexuais). <sup>(37)</sup>

### ATO SEXUAL

Qualquer ato que envolva a sexualidade, tais como um afeto, carícia, olhar, variantes sexuais e até mesmo a penetração. <sup>(23)</sup>

### COITO

Penetração propriamente dita, que muitos confundem como sexo, ou ato sexual único. <sup>(23)</sup>

### Sexualidade Humana

Deve ser entendida de forma abrangente, como todas as manifestações de nossa identidade sexual, nossa forma de ter prazer, de amar e de procriar.

Quando dois seres se afinizam, se desejam, fazem uso de toda sua sexualidade, sem receio do outro e de si mesmo, sem medo, tudo ao seu redor por momentos deixa de ter valor, e há uma entrega para o outro, uma entrega de amor, de energia de vibração.

Quando existe esta “química”, seja hormonal, vibracional, espiritual, neste momento de união, duas pessoas tornam-se uma só, não só de corpos, mas em espírito, num sentido de transcendência da alma.

O desejo, a ternura, o amor a si e ao outro extrapola o corpo, e tange o espírito, diria até num momento sublime de humildade para consigo mesmo, com o seu próximo e para o Criador, num ápice de êxtase e de prazer.

## Histórico da Sexualidade

Segundo os dados disponíveis, a vida surgiu em nosso planeta há cerca de 4 bilhões de anos.<sup>(37)</sup> Durante os primeiros 3 bilhões de anos, no entanto, manteve-se em formas bastantes rudimentares, que se reproduziram por divisão simples, sem parceiros, onde há seres geneticamente iguais, chamada reprodução assexuada.

Podemos deduzir ter tido ela relativo sucesso, pois a vida se manteve até que surgisse um método mais eficiente, e a reprodução assexuada é encontrada em organismos primitivos ainda hoje. Tinha essa modalidade a grande vantagem de demandar relativamente pouca energia, pois não havia necessidade de estruturas especializadas para a reprodução, nem mecanismos complexos de produção de gametas, busca de parceiros, etc. Ao lado deste fato porém, a uniformidade e a falta de variedade entre os indivíduos eram notáveis, o que certamente representou uma desvantagem sob o ponto de vista evolutivo.<sup>(37)</sup>

Há cerca de um bilhão e meio de anos, no entanto, surgiu um mecanismo diferente, que denominamos de “reprodução sexuada”. Neste modelo existe uma diferenciação sexual acentuada, com a presença de gônadas (testículos e ovários), que são órgãos especializados na produção de gametas (espermatozoides e óvulos), que são células cujo encontro (fecundação), irá formar o novo indivíduo.<sup>(37)</sup>

A mistura do patrimônio genéticos, típica da forma sexuada de se reproduzir, provou sua superioridade evolutiva, sendo a encontrada nas plantas e animais mais complexos e adaptáveis.<sup>(37)</sup>

## Histórico da Sexualidade Humana

Quando os primitivos ancestrais da espécie humana andavam sobre dois pés, estavam alterando profundamente o sexo de seus descendentes. Uma das mudanças mais dramáticas, é o intercurso sexual frontal; os seres humanos são quase os únicos animais que utilizam regularmente o coito pela frente.<sup>(12)</sup>

Neste momento pré-histórico, homem e mulher se confrontam-se, deu-se a grande virada da História, da mulher (literalmente) e da relação a dois. Homem e Mulher passaram a ter relação sexual face a face, reconhecendo-se.

A nova posição “frente a frente” fez diminuir o desejo de nádegas opulentas e arredondadas e o homem começou a valorizar o rosto e as mamas.<sup>(5)</sup>

A postura ereta e a deambulação sobre dois em vez de quatro pés, foram ligados à explicação de duas profundas mudanças na sexualidade humana: o desenvolvimento de ligações sexuais a longo prazo em vez de promiscuidade geral, que tende a ser verdadeiro para os primatas, e o desenvolvimento da sexualidade o ano todo, ao invés do padrão normal dos mamíferos, que tem épocas para a procriação, ou cópula somente quando a fêmea está no cio.<sup>(12)</sup>

As relações sexuais entre homens e mulheres começaram a humanizar-se, tornaram-se mais sensuais, mais carinhosas e mais procuradas entre os mesmos parceiros.<sup>(5)</sup>

Nos primeiros tempos, a mulher era a grande matriarca, pois tinha o poder de fluir seu sangue, era a única responsável pela reprodução e capaz de ser identificada pelos filhos como a “mãe” (a palavra “pai” surgiu milhares de anos depois). No início do Neolítico, através da observação de animais, o homem percebe que também tem importância na procriação, recuperando sua auto estima, e descobrindo seu papel na reprodução, ele passa a se julgar superior à Mulher e faz dela sua propriedade.<sup>(5)</sup>

O sexo começou como uma adaptação biológica, mas em todas as culturas humanas tornou-se um ponto focal para códigos sociais e morais.

Entre os animais superiores o atrativo para a reprodução é o prazer. Porém não é possível conviver só com as coisas prazerosas, apesar de todo ser humano só buscar o prazer, necessário se faz algumas normas de conduta. Iniciamos a criar normas de conduta, que mais precisamente, compõem hoje os padrões sociais, morais e éticos, dentre outros.

No desejo de criarmos normas de conduta para sobrevivermos frente aos perigos desta terra e desta vida, criamos talvez regras demais, que acabaram por aprisionar algumas das nossas formas da manifestações amorosas.

## A Experiência Cultural do Ocidente

Grande parte da população ocidental é produto da tradição sexualmente repressiva judaico-cristão, dificultando a percepção dos costumes sexuais de nossa cultura.

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades ( e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos – estar “perdido de amor”, “cair de amores”, ser “fulminado pela paixão”, beber o “filtro do amor”, receber as “flechas do amor”, “morrer de amor”.

Quem consultar m dicionário, notará que o substantivo “repressão” é referido ao verbo *reprimir* e que este possui seis sentidos principais:

1. Suster ou conter um movimento ou uma ação, reter, coibir, refrear, moderar;
2. Não manifestar, dissimular, ocultar, disfarçar
3. Violentar, oprimir, vexar, tiranizar
4. Impedir pela ameaça e pelo castigo, proibir
5. Castigar, punir
6. Conter-se, dominar-se, moderar-se, refrear-se.

Na tradição judaico-cristã a justificativa última para a relação sexual é a procriação. O único cenário apropriado para o sexo é o casamento, que é considerado como divinamente sancionado. Mais especificamente, a noção fundamental da moralidade sexual cristã é que um homem deve ejacular somente dentro da vagina da esposa. Todas as outras formas de expressão sexual que levem um homem a ejacular são tabus.<sup>(12)</sup>

A masturbação, por exemplo, ela não pode ir de encontro aos critérios de legitimidade dos atos sexuais, e assim, tanto é um pecado mortal, como um ato não natural. Segue-se que todos os outros atos que se qualificam como equivalentes a masturbação, “fellatio”, coito anal, coito vaginal usando qualquer tipo de anticoncepção, são pecaminosos e antinaturais.<sup>(12)</sup>

Na prática contemporânea judaico-cristã ocidental, o casamento é quase sempre monogâmico. Virtualmente, todos os grupos permitem o divórcio (e novo casamento) por uma ou outra razão - quase sempre o adultério da esposa. A Igreja Católica Romana insiste na indissolubilidade do casamento mas permite novo casamento no caso de morte de um cônjuge.<sup>(12)</sup>

No caso do casamento, o Cristianismo rompeu com seus antecedentes judaicos e, ao invés da poligamia, uma vez comum no judaísmo, escolheu o sistema da monogamia, praticado pelas religiões pagãs do mundo greco- romano.<sup>(12)</sup>

Variações nas regras sobre incesto entre o Cristianismo e Judaísmo indicam as diferentes necessidades das duas culturas. Os judeus ortodoxos permitem o casamento entre tio e sobrinha, entre irmãos e irmãs, primos, mas muitos destes casamentos são inteiramente proibidos pelos cristãos. As leis judaicas, relativamente frouxas em relação ao incesto, refletem a estrutura de uma comunidade consolidada, enquanto o Cristianismo desenvolveu

leis que se opunham a laços nupciais entre parentes num momento em que procurava aumentar sua área de afinidades.<sup>(12)</sup>

Entre os Católicos Romanos e Ortodoxos Ocidentais, a virgindade pré-nupcial é altamente prezada e geralmente esperada das mulheres e desejável para os homens, apesar de um padrão duplo, permitindo experiências masculinas, geralmente tolerado e mesmo encorajado pela sociedade, se não pelas próprias religiões. Virgindade por toda a vida é defendida como uma possível carreira sexual- e reconhecida como espiritualmente mais elevada do que a vida de casado.<sup>(12)</sup>

Os primeiros pensadores cristãos pregavam a abstinência sexual em qualquer hipótese.

Para S. Agostinho (354-430), bispo de Hipona e o mais notável teólogo da Igreja Primitiva, o intercuro sexual era “Repulsivo”, para Tertuliano era “vergonhoso”, para Jerônimo outro apologista Cristão, era “imundo”.<sup>(5)</sup>

São Paulo, o primeiro pensador cristão a relacionar sexo com espiritualidade, exaltava o celibato que se tornou símbolo da autoridade moral.<sup>(5)</sup>

O Cristianismo faz a distinção entre o amor profano ( amor carnal) e amor divino ( amor espiritual).

A Igreja começa seu poderio e inicia as lutas pelo casamento.( )

São três as inovações:

1. Exigência, vinda desde São Paulo, que o homem e mulher consentam no ato ( ponto fundamental para a intervenção da Igreja que poderia impedir uma aliança entre famílias, se julgada inconveniente para os interesses eclesiásticos, instruindo o noivo ou a noiva para o não consentimento).
2. Exigência de que as núpcias sejam pública e não mais cerimônia privada oficiada pelo pai do noivo ( inicialmente, a cerimônia será feita à porta das igrejas e oficiada pelo pai e pelo padre, depois será no interior da igreja e oficializada somente pelo padre, os pais sendo apenas testemunhas)
3. Exigência de que o sexo seja honesto, isto é, sem prazer e sem luxúria.

A Igreja coloca o casamento como remédio para o amor profano. A fase final, no século XIII, acrescenta como sendo indissolúvel, para não ter divisões de dotes. Santo Agostinho em seu livro Confissões, narra sua vida pecaminosa, até à conversão, graças a sua mãe, Monica, e coloca seu exame de consciência como um problema do conhecimento e a luta contra o prazer, luta inevitável porque escreve ele “ninguém deve se por seguro nesta vida, porque toda ela se chama tentação” e “o prazer é companheiro perigoso”.

Ela coloca também a sacramentação com o controle das mulheres, já que elas são à perdição do homem. Cabe a mulher servir ao homem.

A Igreja influenciava de uma maneira incisiva, pois sexo era coisa do demônio, dos infernos, dos perversos, e através do medo imputado nas pessoas, estas reprimiam seus desejos, sua energia sexual, num tormento entre o que vem dentro de si (interior), com o que é permitido pelos costumes da sociedade (exterior).

Com o tempo permitiu a relação sexual no casamento, apenas para a concepção, e desde que o homem ficasse por cima. A Igreja considerava o homem na posição superior como a única natural para o intercuro sexual. As outras posições eram consideradas antinaturais porque modelavam o homem ao animal, invertiam a natureza do homem, e podiam impedir a concepção. E se o intercuro sexual era sem fins procriativos um dos maiores pecados, a pena aumentava e podia chegar a 20 anos de prisão se envolvesse intercuro anal ou oral.<sup>(5)</sup>

A História deixa claro que a Igreja Primitiva foi implacável com a sexualidade, Enquanto outras religiões e sociedades condenavam em graus variáveis o adultério, o aborto, a

homossexualidade, a zoofilia, a masturbação, a Igreja prescreveu todos eles.

Na Idade Média não mudou muito o modo de pensar na sexualidade humana, apareceram os cintos de castidade, e a inquisição queimando todos que não cumprissem as determinações da Igreja.

No Renascimento aparece a figura do “cavalheiro” num mundo absolutamente masculino, com grande culto à estética e as aparências, vendo na genitalidade a maior forma de expressão da sexualidade.

No princípio do século XVI o Catolicismo perdeu o monopólio da religião na Europa. A Reforma rompe com o conceito tradicional católico do casamento “como um mal necessário”. O casamento tornou-se tão importante que não deveria sobreviver entre cônjuges mal casados.

Tal mudança no casamento veio junto com as transformações que se operavam na estrutura da família, antes uma instituição política em que as casa não possuíam divisões e as vidas eram partilhadas por seus numerosos membros.

No século XVIII, a privatização da família (acompanhando a privatização da propriedade e da apropriação do produto do trabalho) prossegue. A família é conjugal, a casa se reparte em cômodos definidos, separando os lugares comuns e os privativos, os dos donos e os dos servidores, os quartos dos pais e dos filhos, mas a separação definitiva só se completará como separação por idade e por sexo, no século XIX.

Do ponto de vista feminino, esse novo tipo de relacionamento mais íntimo representou um avanço para a mulher, mais adulta, mais consciente de sua individualidade.<sup>(5)</sup>

O século XIX foi dominado por Vitória I, no Império Britânico. Foi um intenso período de repressão sexual. Estava em moda a negação dos impulsos, sentimentos e forças sexuais, e não se falava em sexo entre pessoas bem educadas, uma aura de inviolável repulsa rodeava o assunto. Homens e mulheres tratavam uns aos outros como se não possuíssem órgãos sexuais.<sup>(26)</sup>

Era a época de ascensão da classe média, com cavaleiros cultivando uma afetada cortesia pelas mulheres que aspiravam se libertar das fainas domésticas para subirem na escala da distinção social.

“Mulheres pobres a parte”, transformadas em operárias pela Revolução Industrial elas só pensavam em sobreviver recebendo menos da metade do salário de um homem, pelas mesmas tarefas nas mesmas horas de trabalho.

Nesta época os médicos condenavam o coito em excesso, e as relações sexuais entre marido e mulher, era impensável durante a gravidez ou o período menstrual, como prejudicial a saúde, permitindo apenas o coito sem desperdício de emoções. O resultado imediato foi um aumento na prostituição, das doenças venéreas, e um aumento na taxa de natalidade.<sup>(5)</sup>

Uma parte da Medicina Legal – Sexologia Forense desenvolveu técnicas médico-policiais minuciosas para desvendar “crimes ligados a sexualidade”.

O núcleo da sexologia forense é a proteção da família: discute e resolve os impedimentos matrimoniais, o defloramento de virgens, a violência contra as crianças, o estupro, os escândalos contra a família (homossexualismo, doenças venéreas, excessos sexuais, adultério, ilegitimidade de filhos etc.

No século XX as teorias do Dr. Sigmund Freud<sup>(11)</sup> a respeito da importância da sexualidade dão uma nova diretriz ao pensamento humano. O sexo deixou de ser responsabilidade de moralistas e teólogos, como ocorria no século passado, para tornar-se tema das áreas clínicas e de saúde.<sup>(5)</sup>

A partir da psicanálise sobretudo (mas não somente a partir dela), considera-se a sociedade ocidental, de origem judaico-cristã, como uma sociedade *falocrata* (phalo=pênis; Krathós=poder) e patriarcal (sob o poder do Pai). O falo representado consciente



e inconscientemente como origem de todas as coisas ( poder criador) como autoridade (a Lei como lei do Pai) e sabedoria; é aquilo que a mulher não possui e deseja, a inveja do pênis, enquanto o homem seria marcado sexualmente pelo medo da perda – medo da castração. Em nossa sociedade, portanto, a repressão sexual operaria a partir daquela inveja e daquele medo.

Outros ramos da psicanálise ( ) revelaram que a “inveja” se houver é dos homens em relação as mulheres, invejariam o útero, a capacidade geradora das mulheres.

Percebe-se, pois, que tanto a “inveja do pênis”, nas mulheres, quanto a “inveja do útero”, nos homens, não dependem diretamente da anatomia, mas do processo de simbolização da diferença sexual no interior de uma cultura determinada. É nesse processo que melhor se oculta e melhor se revela a repressão sexual. Além disso, é nessa simbolização que melhor transparece a sexualidade como desejo, carência, plenitude e criação. Vida e Morte.

Discípula de Freud, Melanie Klain demonstra a sexualidade na infância, iniciando uma preocupação de estudar e aprender a ver na criança formação e o desenvolvimento da sexualidade.

Em 1930, na conferência de Lambeth da comunhão anglicana, a condenação prévia do controle de natalidade foi modificada. A conferência de 1958 proclamou a obrigação cristã de limitar os nascimentos e sancionou o uso de anticoncepção artificial. Esta regra aplicou-se apenas à igreja da Inglaterra e dos Estados Unidos.<sup>(12)</sup>

Até recentemente, quase todos os grupos dentro da tradição têm considerado a contracepção equivalente a assassinato.

Em 1942 Wilhem Reich<sup>(33,34)</sup> após doze anos de pesquisa biofísica e física, rompe com a escola psicanalista freudiana clássica, e demonstra a importância do corpo influenciando a mente e vice versa.

Reich<sup>(35, 36)</sup> questiona as pressões sociais influenciando nas repressões individuais. Ele diz: “Será necessário, sem dúvida, o trabalho de muitas gerações antes que a sexualidade seja levada a sério pela ciência oficial e pelos leigos; não o será provavelmente antes que as questões sociais de vida e de morte atirem sobre nós a absoluta necessidade de compreender e de dominar o processo sexual, livre de repressões sociais.

Alega que as enfermidades psíquicas são o resultado de uma perturbação natural de amar, e a condição essencial para curar perturbações psíquicas é o restabelecimento desta capacidade natural de amar.

O histórico da sexualidade humana nos mostra que por muito séculos houve uma profunda repressão, não era possível expressar nossos sentimentos, nossos desejos, nosso prazer e demorará muitas encarnações para podermos estar totalmente libertos destes exageros, porém acredito que quanto mais conhecermos, mas responsabilidade adquirimos e mais libertos nos tornamos.

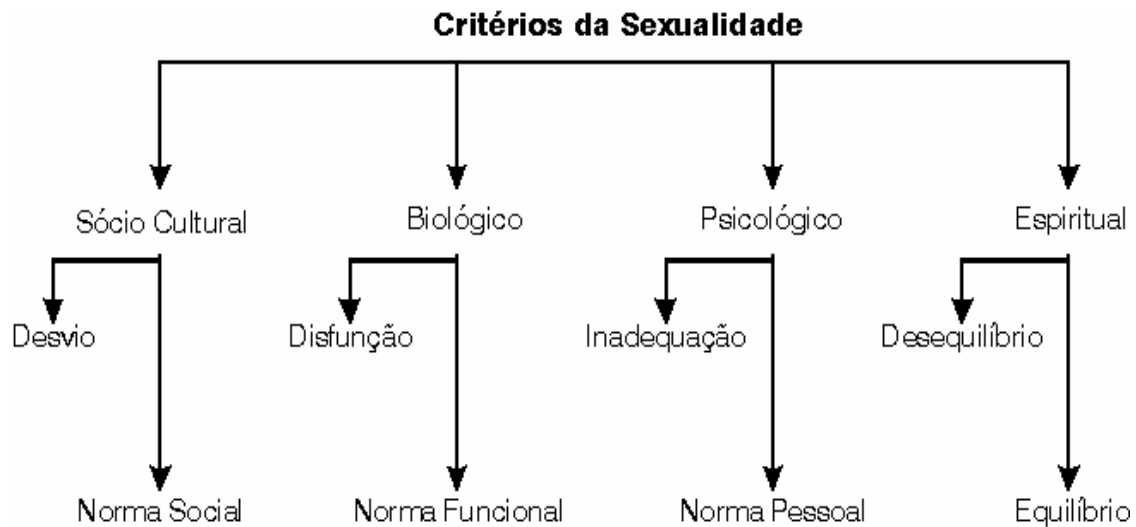
## **SEXUALIDADE ATUAL**

É necessário fixar bem que a sexualidade, como tudo que é humano, deve ser encarada sob quatro aspectos ou critérios fundamentais:

- biológico
- sociocultural
- psicológico
- espiritual

Quando tentamos definir o que é sexo “normal” ou “anormal” temos de fazê-lo à luz destes critérios. Ver-se-à então que nas ciências do homem, o conceito de normalidade varia de acordo com o ângulo do qual um fato é considerado. Pode-se dizer, portanto, que há uma

norma social, uma norma funcional ou biológica e uma norma pessoal ou psicológica. Esquema 1<sup>(4)</sup>.



Do ponto de vista sociológico, sexo “normal” é aquele praticado pela maioria dos indivíduos que compõe um grupo social. Há padrões culturais que definem a normalidade sociológica que, neste caso, coincide, estatisticamente, com o valor modal. Tudo o que foge a regra sociocultural é considerado desvio.

Já se vê que, uma mesma conduta, pode ser considerada como desviada em uma determinada cultura e “normal” em outra.

Também, como as sociedades são entidades dinâmicas, o que é “normal” hoje, pode ser “anormal” amanhã e vice-versa. Isto porque os padrões culturais mudam com o tempo. O conceito de desvio, portanto, além de ser circunscrito a um determinado grupo cultural, reflete o pensamento prevalente, neste grupo, em um dado momento de sua existência.

Do ponto de vista biológico, sexo “normal” é aquele que se manifesta sob a forma de resposta fisiológica hígida. Sabemos que toda pessoa nasce com capacidade de reagir a um estímulo erótico emitindo comportamento encobertos e manifestos. Quando esta capacidade responsiva está íntegra, dizemos que o indivíduo é biologicamente “normal” ou funcional.<sup>(4)</sup>

Quando, de alguma forma, esta cadeia de reações fisiológicas está bloqueada em qualquer um dos seus elos, dizemos que o indivíduo é disfuncional.

Desvio é um conceito sociológico; disfunção é um conceito biológico. O zoofílico (indivíduos que tem prazer erótico em práticas sexuais com animais), por exemplo, é considerado, em nossa cultura, como sendo um desvio. O indivíduo que o pratica é, portanto, “anormal” ou desviado sexual. Mas, se ele reage com apetência, excitação e orgasmo, diante de um objeto erótico, que não é considerado como estímulo sexual para a maioria das pessoas de seu grupo, ele é perfeitamente “normal” do ponto de vista fisiológico. Observem que o mesmo indivíduo é “anormal” sob um ângulo e “normal” sob outro.

Do ponto de vista psicológico, sexo “normal” é aquele que assim é considerado, dentro da visão particular de cada um. Aqui o que importa é a satisfação pessoal ou adequação sexual de cada indivíduo. Torna-se desde logo imperioso dizer que adequação pressupõe um estado de satisfação intra e interpessoal. Se o indivíduo está satisfeito com seu comportamento sexual e com o comportamento sexual de seu parceiro, ele é uma pessoa sexualmente “normal” ou adequada, do ponto de vista psicológico. Mas, se ele não estiver satisfeito com sua sexualidade e/ou com o desempenho sexual de seu parceiro ele está inadequado ou “anormal”

sexualmente, de acordo com seu próprio padrão normativo. Adequação e inadequação dizem respeito aos aspectos psicológicos da sexualidade. Também aqui não existe um paralelismo entre o que é inadequado, o que é disfuncional e o que é desviado. O indivíduo pode se sentir perfeitamente adequado embora não esteja dentro da norma funcional ou da norma sociológica. Por exemplo, ele pode reagir com um certo grau de apetência, ter excitação e alcançar o orgasmo, mas não estar satisfeito com o desempenho da parceira ou dele próprio. A satisfação vai depender dos padrões de expectativas intra e interpessoal, que ele considera como sendo desejáveis ou “normais”.<sup>(4)</sup>

Por outro lado, ele pode se julgar perfeitamente adequado, embora seja portador de um desvio. Tomemos como exemplo um casal sadomasoquista. O sadomasoquista é um desvio, mas, se o par considera o desempenho sexual como gratificante, e cada um dos parceiros se sente satisfeito e feliz, este é um casal adequado.

Quando este ser humano apresenta-se “adequado” psicologicamente”, funcional” biologicamente, e sem “desvio” socioculturalmente, acreditamos que ele respeita o/a companheiro(a), amando, e desta forma ele está “equilibrado” espiritualmente, para exercer a sua sexualidade, de uma forma saudável para o casal, prazerosa, numa troca de energia e vibração que faz transcender a alma.

O indivíduo que está adequado psicologicamente, com seu corpo em funcionamento normal, inserido no contexto sócio-cultural e equilibrado espiritualmente, este indivíduo é normal.

Um indivíduo sexualmente funcional responde a um estímulo erótico efetivo. Parece ser importante se esclarecer o que se pode considerar como “efetivo”.

A característica da “efetividade” pode ser potencial ou adquirida. Alguns eventos são filogeneticamente eliciadores de respostas sexuais. Isto significa que eles são considerados como sendo sexualmente efetivos para todos os indivíduos de uma mesma espécie. Deste tipo parece ser a manipulação genital. A maioria, porém, dos estímulos sexuais é aprendida no meio em que se vive. Algumas situações só são consideradas eliciadoras da resposta sexual para indivíduos de uma certa cultura, podendo não ter conotação, em pessoas de grupos culturais diferentes. Na verdade, o ser humano, desde o nascimento, está submetido a uma aprendizagem social intensa, de modo que seus comportamentos vão sendo moldados dentro dos padrões culturais do grupo em que vive. Cada cultura considera certas condutas como desejáveis e outras como indesejáveis. Quando uma pessoa emite um comportamento indesejável é punida pela sociedade, sendo orientada no sentido de que se comporte como o grupo deseja. Logo que ela assim procede, a sociedade a reforça com recompensas. Assim é que, através de um mecanismo que envolve um duplo jogo de punições e recompensas, o grupo social vai moldando as pessoas dentro de seus padrões culturais.

Na verdade, todo o comportamento ao ser emitido gera no ambiente um conseqüência que pode ser positiva ou negativa. As conseqüências positivas ou recompensas fortalecem o comportamento que lhes deu origem, enquanto as negativas ou punições enfraquecem a emissão do comportamento original.

Em cada indivíduo específico, dentro de um mesmo grupo, há eventos que podem ter um significado sexual “efetivo”, mas não ter este mesmo valor para outros indivíduos do mesmo grupo. O homem é ao mesmo tempo, plural e singular. Plural na medida em que ele é semelhante a todos os indivíduos da espécie; também plural na medida em que é semelhante aos indivíduos de uma mesma cultura. Mas o homem é ao mesmo tempo singular. As preferências, as idiossincrasias, bem como os distúrbios sexuais são aprendidos às custas das vivências particulares de cada um. São frutos da ação conjunta da herança e da aprendizagem. Não é sem razão que se afirmou que herdamos um sexo mas a sociedade e a cultura dirão o que fazer com ele. E ao agir como ensina o grupo sociocultural, as vivências sexuais de cada indivíduo, deixarão a marca definitiva de sua presença.

Herança biológica e cultural, experiências de vida, aprendizagem, outras encarnações, dizem o que somos, como somos e porque agimos sexualmente de uma certa forma e não de outra.

## **Delineando um posicionamento teórico**

Todo indivíduo é fruto de um genótipo (potencial herdado geneticamente) submetido aos estímulos do meio ambiente. Todo ser humano nasce dono de uma base orgânica necessária para desenvolver-se em socius ou pessoa. A pessoa pressupõe a existência do indivíduo interagindo com o meio sociocultural. O conceito de indivíduo é biológico; o de pessoa, sociológico.

O comportamento do ser humano resulta da interação de potencialidades biológicas transmitidas pela herança e modificadas pela ação contínua do meio físico e do ambiente sociocultural.

O sexo é uma função biológica, uma necessidade primária, mas a adaptação desta necessidade ao contexto sociocultural do qual a pessoa faz parte muitas vezes exige que ela seja inibida, sublimada ou distorcida. Portanto, todas as pessoas nascem com capacidade sexual reativa. A sociedade e a cultura dirão como esta capacidade deve ser exteriorizada.

Da mesma forma que é impossível pensar em comportamento social sem de imediato associá-lo às influências culturais e às vivências passadas, também é impossível minimizar a participação biológica.

Todo comportamento pressupõe um substrato orgânico submetido a uma série de estímulos físicos, metabólicos e endócrinos. O homem pensa com seu cérebro; este não pensa só, mas para que o homem pense, é imprescindível existir cérebro.<sup>(4)</sup>

No comportamento em geral, o repertório de respostas resulta em parte da reação entre potencial herdado e estímulos ambientais (comportamento reflexo ou respondente), e em parte, das conseqüências do comportamento emitido (comportamento operante). Esta classificação dos comportamentos em respondentes e operantes é válida sobretudo, na medida em que deixa claro o caráter cronológico do aparecimento das respostas.

Os comportamentos respondentes são cronologicamente mais antigos. Quando o indivíduo nasce ele tem apenas a capacidade de eliciar comportamentos reflexos ou respondentes. Estas respostas simples e automáticas a estímulos específicos estão, por assim dizer, filogeneticamente impressas em nossos gens. São dádivas da espécie. Elas envolvem o sistema nervoso autônomo, a musculatura lisa e as glândulas. São portanto, reações autonômicas que, por definição, independem de nossa vontade (reflexos patelar, pupilar, etc.).

Em sexologia, as respostas orgânicas aos estímulos eróticos (lubrificação vaginal, orgasmo, etc.) são atos respondentes ou reflexos. Isto significa que todo indivíduo nasce com um potencial biológico para reagir aos estímulos sexuais, independente de qualquer aprendizagem anterior. À medida, porém, que o indivíduo vai se inter-relacionando com o meio ambiente, gradualmente ele vai aprendendo novas formas de respostas.

Na verdade, quando um indivíduo é submetido às estimulações ambientais, ele emite respostas que geram conseqüências positivas ou negativas. A conseqüência positiva vai fortalecer o comportamento que lhe deu origem; a conseqüência negativa vai enfraquecer o comportamento que o originou.

O comportamento reflexo é controlado pelo estímulo que o determina, enquanto no operante a tônica está na conseqüência que sucede e reforça, de modo positivo ou negativo, o comportamento emitido.<sup>(3)</sup>

O comportamento humano é constituído de atos respondentes e operantes, e é muito importante os processos de aprendizagem na aquisição de novas condutas ou na modificação

de condutas pré-existentes.

O homem é um organismo completo, que reage como um todo, cuja resposta tanto depende do seu estado fisiológico, quanto de sua história de experiências, das condições contingenciais do ambiente, de uma variedade enorme de processos cognitivos, e de sua condição vibratória em relação a si próprio, como também em relação ao seu parceiro.

Os espíritas associam a toda esta bagagem biológica, psicosociocultural, o conhecimento de outras reencarnações, e que junto de desenvolvimento intelectual haja também o desenvolvimento moral do ser humano, não com barreiras e códigos estanques mas no desenvolvimento pleno do amor.

Amor, este sentimento tão sublime e tão difícil de ser vivenciado.

Segundo Rollo May, Existem quatro espécies de amor, segundo a tradição ocidental. Uma é sexual, ou o que chamamos sensualidade, libido. A segunda é eros, o impulso de amar para procriar ou criar - o ímpeto, segundo os gregos, em direção a formas mais elevadas de ser e relacionar-se. A terceira é philia, ou amizade, o amor fraterno. A quarta é agapé, ou caritas, como a chamavam os latinos, o amor dedicado ao bem do próximo, do qual o protótipo é o amor de Deus pelo homem. Toda experiência humana de amor autêntico é uma mistura, em proporções variáveis, das quatro espécies de amor.

É necessário que o indivíduo como um todo aprenda a se dar e a receber por inteiro, no que ele tenha de melhor, para que a sexualidade fruto de toda esta associação bio, psico, sociocultural e espiritual atinja sua plenitude.

## **Resposta Sexual Humana**

Após vários estudos sobre as fases biológicas da resposta sexual humana, evoluindo a dividi-lo por fases, atualmente sobraram dois modelos, que são mais utilizados mundialmente: o modelo de Master e Johnson (1966) e de Helen Kaplan (1974), que serão apresentados a seguir:

### **Modelo de Masters e Johnson**

William Masters e Virginia Johnson(24,25) lançaram seu modelo em seu livro Human Sexual Response em 1966, dividindo a resposta sexual em 4 fases: excitação, platô, orgasmo e resolução.

#### *1ª fase: Excitação ou Excitamento*

Surge após estímulo e depende da qualidade do mesmo. Caracteriza-se fisicamente por vasocongestão e mio-tonia.

#### *2ª fase: Platô*

Caso continue o estímulo, as “tensões sexuais” são intensificadas. Caso o estímulo seja inadequado, ou mesmo cesse, ou haja condução inadequada, o indivíduo não atinge o orgasmo, passando diretamente para a fase de resolução; porém vagarosamente até atingir a fase basal.

#### *3ª fase: Orgasmo*

A fase orgásmica dura poucos segundos, ocorrendo 3 a 12 contrações de 0,8 segundos cada, logo pode durar 2,4 a 9,6 segundos.

Fisiologicamente se concentra na pelve. Na mulher: musculatura pélvica, clitóris, vagina e útero; enquanto no homem há concentração no pênis, próstata e vesícula seminal.

#### *4ª fase: Resolução*

Traz o indivíduo de volta para o estado basal, ou não estimulado.

No homem, juntamente com a fase de resolução, inicia-se um período denominado de “período refratário” durante o qual, por mais intenso que sejam os estímulos, não são eles suficientes para desencadear novamente os fenômenos da fase de excitação, recomeçando o ciclo de resposta. Esse período refratário tem duração variável (longo ou curto), na decorrência de uma série de fatores, tais como idade, frequência de relações, interesse pela parceira, situação de amor, etc.

Entre mulheres esse período refratário não existe, ou é muito pouco marcante, sendo elas capazes de, quase instantaneamente após um orgasmo, apresentarem novamente excitação, podendo ocorrer orgasmo múltiplos.

As mulheres têm capacidade responsiva de seguir a novas experiências orgásmica, desde que o estímulo seja efetivo, em qualquer fase da resolução.<sup>(24)</sup>

### **Modelo de Kaplan**

Helen Singer Kaplan (13,14) publicou em 1979 seu livro *Disorders of Sexual Disease*, uma nova formulação fásica da resposta sexual, tornando-a trifásica, com o aparecimento da fase de desejo e suprimento das fases de platô e resolução.

-A resposta sexual ficou assim dividida: Desejo, excitação e orgasmo.

Esta diferença de modelos é devido ao fato de Masters e Johnson serem eminentemente pesquisadores e Kaplan clínica.

#### *Variantes Individuais*

Quanto à intensidade ou frequência do desejo sexual, existe dentro da “sexualidade”, uma grande faixa de variáveis individuais.

O desejo sexual, mesmo encarado como função primária, comportamento respondente, como a fome e a sede, sem interferências intrapsíquicas, ou como comportamento operante, manifestado a partir das vivências individuais, apresenta variantes pessoais consideráveis.

Servem como exemplos a fome e a sede. Usados para sociedade e sobrevivência, há variantes individuais normais, como indivíduos que comem ou bebem a mais, por hábito ou valorização do prazer.

Conforme curva abaixo (de Gauss) temos conhecimentos dessas variantes.<sup>(23)</sup>

Entre os pontos B e C estaria a maioria da população, ou seja, desejo sexual moderado, exemplificando como casais que sexualmente se relacionam sexualmente 1 a 4 vezes por semana, levando-se em consideração habituação, oportunidade, etc.

Nos pontos A e D estariam os extremos: no ponto A os indivíduos que se comportam com baixa sexualidade, como fator constitucional. Sua necessidade sexual não é fator tão importante, mas existe e é respondente. No ponto D estaria o outro extremo, o indivíduo que tem a atividade sexual mais habitualizada.

O convívio de um casal, ambos no ponto A, a atividade sexual não é tão valorizada. Podem viver adequadamente juntos. Ao invés da prática sexual, optam por passeios, jantares ou outros afazeres juntos, com expressão de carinho.

Quanto à formação de um casal, ambos no ponto D, ocorre maior valorização do relacionamento sexual, podendo tê-los várias vezes ao dia.

Quando um parceiro está no ponto A e o outro no D poderá instalar uma inadequação sexual.

As idéias sobre o corpo humano modificaram-se bastante, desde o advento da chamada ciência moderna. Inicialmente, o modelo de elaboração da idéia de corpo fornecida pela ciência principal a mecânica – o corpo como máquina.

Modernamente o modelo de máquina – objeto técnico e técnico-instrumental – o computador.

Masculidade (e não masculinidade) é separar desejo e amor. O homem quer afirmar o caráter autônomo do seu desejo, prova de sua virilidade e que permite considerar todas as mulheres como intercambiáveis. Porque? Porque se houver necessidade de amor, o desejo perde a autonomia: não só torna-se desejo desta pessoa ( amada) e de nenhuma outra, mas também revela que, para realizar-se, o desejo precisa de uma outra pessoa e, dependendo de outrem, já não é livre nem autônomo (ideologicamente, isto vira Machismo, que é exatamente o contrário da liberdade desejada).()

Feminidade (e não feminilidade) é não separar amor e desejo. A mulher afirma que só pode desejar se, primeiro, amar e faz da fidelidade o centro da relação amorosa (ideologicamente, isto vira mulher romântica, que é exatamente a impossibilidade do amor). O amor funciona como álibi para o desejo porque é a maneira da feminilidade esconder que poderia Ter um desejo autônomo – seu desejo é sempre desejo de uma pessoa determinada e por isso chama-se amor, isto é, relação com um outro. Ao mesmo tempo em que essa disposição abre caminho para o masoquismo (ser objeto do desejo alheio, por amor) também abre campo para uma das mais fundas fantasias da feminidade: a liberdade da prostituta ( a masculinidade de quem deseja sem precisar amar).

Cada qual precisa demonstrar a si mesmo e ao outro que não é carente, quando são, no âmago de seus seres, carência pura.

## **Sexualidade nas Obras Espíritas**

Toda vez que estudamos um tema à luz do Espiritismo, necessário se faz consultar as Obras de Allan Kardec:

No Livro dos Espíritos,<sup>(15)</sup> pergunta nº 200, “Os Espíritos têm sexo?” - Não como o entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.

Kardec<sup>(15)</sup> faz o seguinte comentário: “Os Espíritos encarnam-se homens ou mulheres, porque não tem sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, oferece-lhes provas e deveres especiais e novas ocasiões de adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem, só saberia o que sabem os homens”.

A função sexual faz parte do organismo como a função digestiva, respiratória, etc. A sexualidade é uma energia básica do homem. Ela é o aspecto de nossa personalidade por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer, procriar.

A sexualidade a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se em todas as fases da vida de um ser humano e, ao contrário da conceituação vulgar, tem na genitalidade apenas um de seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante.

## **Sexualidade nas Obras Correlatas**

Infelizmente grande parte de obras correlatas do espiritismo no Brasil estimulam o celibato, ou comentam de forma incisiva que o relacionamento sexual é da matéria, devendo aos espíritos mais evoluídos não pensarem “nestas coisas”.

A grande maioria dos livros deixa claro que devemos bloquear, reprimir os pensamentos e atos relacionados ao sexo.

Analisarei as obras de sete autores que julgo importante os seus comentários sobre sexualidade e espiritismo; são eles Emmanuel e André Luiz (obras psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier), José Herculano Pires, Jorge Andrea, Deolindo Amorim, Marlene Severino Nobre, Jaci Regis.

Em Emmanuel temos três livros romanceados, cujo tema central é o relacionamento de casais.<sup>(30)</sup>

Em Há dois mil anos<sup>(7)</sup> conta-se a encarnação do autor como Públio Lêntulus, senador romano, torturado pelo amor de Lívia, convertida à doutrina de Jesus de Nazaré e morta nos circos romanos. Dedicou-lhe versos amorosos, como sua alma gêmea. Atormentado pela culpa, torna-se em sucessivas encarnações, um escravo judeu convertido ao cristianismo (50 anos depois)e, como espécie de voto de castidade eterno, veste o hábito sacerdotal para sempre em seu terceiro romance Renúncia.

Em 50 anos Depois,<sup>(6)</sup> Célia a heroína, nega-se aos carinhos jogos sensuais naturais, fugindo do amor físico a pretexto de pureza.

Em Renúncia<sup>(8)</sup> Alcione, espírito superior, desce à encarnação para ajudar a Carlos, seu amado eterno, alma gêmea, envolto em sombras. Após sofrimentos terríveis, torna-se freira e amedronta-se diante da possibilidade de um ato sexual perpetrado por Carlos, travestido de inquisitor.

Emmanuel é autor de Vida e Sexo,<sup>(9)</sup> um pequeno manual sobre sexualidade. Neste livro ele aborda os temas sexuais de maneira breve, mas estabelece parâmetros, que os leitores iniciantes do espiritismo podem tomar como regra, porque infelizmente as pessoas nem sempre iniciam o seu conhecimento doutrinário por Kardec, algumas vezes podem iniciar por uma destas obras e pensar que o espiritismo nega a função orgânica da sexualidade.

Assim como o ser humano necessita da função respiratória, e o melhor seria ele poder sempre respirar ar puro, assim como o corpo necessita de alimentação, e, aí a função digestiva, melhor seria alimentos sem agrotóxicos, também necessitamos de nossa sexualidade, sendo melhor com uma pessoa amada, respeitada, sem desvios, disfunções, inadequações e equilibradas.

A sexualidade é o ponto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida, e para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permitem que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser.

André Luiz se destaca na literatura mediúnica brasileira, identificando-se como medico desencarnado, escreveu uma série de livros em que leciona sobre a vida, observada pelo prisma dos desencarnados. Escrevendo através dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, ele trouxe, sem dúvida, uma grande contribuição para o conhecimento espírita em geral.

Em suas obras estabelece importante debates sobre sexualidade.

Em Nosso Lar,<sup>(21)</sup> faz nítida distinção entre o amor humano, sexual, romântico e o amor renúncia, que aspira a anulação do desejo para a sublimação sexual na ligação com o divino, através de vários personagens que purgam seus “desvios” no trabalho sacrificial.

Os Mensageiros<sup>(19)</sup>, os personagens Silas e Drusio, erguidos as posições de liderança, esperam aflitos e culpados, encontrar o espírito de mulher que teriam arrojado na prostituição, por desvario sexual, através do ciúme e da perversidade.

Missionários da Luz-<sup>(20)</sup> relata abertamente a renúncia do ato sexual, mesmo no casamento, propondo a substituição de “elementos materiais ”por “elementos espirituais” na relação amorosa.



Libertação<sup>(18)</sup> - relata a ligação simbiótica entre Margarida e Gregório, no campo sexual, e essa ligação entre ele, ex-papa, e Matilde, espírito de escol, sua mãe na encarnação especificada.

Entre o Céu e a Terra<sup>(17)</sup> comenta a história de grupos de espíritos ligados em tramas sexuais, no tempo.

Sexo e Destino<sup>(22)</sup> - Marina e Cláudio vivem uma tragédia sexual, um ato de incesto, e a partir daí é recomendado a sublimação progressiva do sexo, com sacrifícios continuados.

E a Vida Continua<sup>(16)</sup> - é novela de sexo e crime, no cotidiano da existência terrena e fora dela.

Esta síntese não visa restringir as obras de André Luís às questões sexuais, mas para alertar que em todas elas há o assunto, e se isto ocorre é porque a sexualidade faz parte de nossas vidas, e não devemos ter medo de tentar entendê-la e viver da melhor maneira possível os nossos relacionamentos.

O Espiritismo, como nos ensina Kardec é uma doutrina libertária, que nos ensina a entender o ser humano, sem preconceitos, sem modelos estanques.

Lembrando novamente a definição de energia sexual como toda a energia criada e liberada durante a utilização da sexualidade, encarando sexualidade como tudo que dê prazer, como por exemplo, um abraço, um beijo, um carinho, uma relação sexual.

Jaci Regis<sup>(32)</sup> coloca a sexualidade humana da seguinte forma:

A energia sexual é uma força propulsora. Sua natureza é expansiva, dando base para a expressão criadora do Espírito. Segue um trajeto de evolução característica, na medida que consegue alguma forma de contato e comunicação com outros seres. Conhece o impulso do desejo, arroja-se nos caminhos da paixão, alcança a maternidade e a paternidade. Pode exprimir-se sensorialmente através do corpo, mas também pelas vias vibracionais e do sentimento, no Espírito, quando em comunhão com o outro.<sup>(32)</sup>

A sexualidade promovendo a relação entre as pessoas, vai exprimindo progressivamente as necessidades de comunicação, o refinamento da sensibilidade bruta para a sensibilidade fina, do coito para a relação sexual, culminando com o encontro da ternura.<sup>(32)</sup>

O Espiritismo é uma doutrina de liberdade, que dá a cada indivíduo a possibilidade de escolha e ensina as possibilidades de ganhos e perdas. Cada um tem seu livre arbítrio para suas escolhas e desta forma trilhar o seu caminho evolutivo.

O respeito a si próprio e ao próximo faz da sexualidade um caminho imenso a ser percorrido pelo ser humano, sem preconceitos, sem discriminação e acima de tudo com conhecimento pois em minha opinião, as pessoas não conhecem seu próprio corpo, seus desejos, suas vontades, suas fantasias, e em grande parte da vida não se permitem pensar, nem sobre sua sexualidade, nem sobre a sexualidade do outro de uma forma aberta de raciocínio e comunicação. Muitas vezes, por vergonha, medo ignorância deixam de conhecer a mais bela via de troca de energia, de amor e de sensibilidade.

Jorge Andrea<sup>(2)</sup> denomina “Campo- Energético-Especializado de zona espiritual, zona inconsciente ou subconsciente, representando o Campo-Orientador das células e tecidos da organização física; seria a “energia-responsável” pela onda morfogenética da espécie, em virtude de seu potencial estar carregado pelas experiências incontáveis de vidas pretéritas.

O autor descreve a influência da glândula pineal na esfera genital e suas intercomunicações neuroendócrinas, descrevendo o que ele chama de “Núcleos em Potenciação”. Estes núcleos são apresentados de intenso poder vibratório, conseqüentemente de forte emissão energética. Os núcleos atuariam em dimensão mais evoluída, no seu conjunto representariam quase a totalidade da energética espiritual, onde não existem limites no espaço. Estes pontos

energéticos seriam o centro, a fonte de toda energia psíquica, em volta dos quais as experiências iriam fixando e ampliando seus potenciais, para que a evolução se observe nos diversos setores de vida”.<sup>(2)</sup>

Infelizmente fica difícil entender a proposta dos Núcleos de Potenciação proposta por Andrea, devido a dificuldade da teoria e muito das palavras utilizadas não serem encontradas nos dicionários disponíveis.

A visão espírita da problemática sexual, como um todo, é portanto infinitamente mais abrangente, responsável e inteligente do que a visão unilateral que se tem a partir de uma postura meramente organicista, biológica, material.

Somos espíritos e estamos num corpo físico. O espírito não tem sexo, como entendemos, e sim uma poderosa energia criadora suscetível, como toda força natural, ao uso e ao abuso. A cada desvio num sentido há um infalível repuxo noutro. O processo evolutivo lembra o movimento pendular. Quanto mais avança num sentido, mais terá que repuxar no oposto. Quanto mais violenta a ação de ida, mais ampla a reação de volta, até que, eventualmente, com a gradativa redução da periodicidade, a oscilação se extingue e o movimento se aquieta no repouso. É o equilíbrio, é a paz. Não mais será necessário consumir energia para movimentar o mecanismo grosseiro e por isso sobrar energia para as conquistas transcendentais do espírito imortal.<sup>(1)</sup>

O espírito é vida, seu desenvolvimento depende de experiências, estudos reflexão, tudo isso com mente aberta para a realidade e não fechada em esquemas artificiais. Todos podem superar as suas condições atuais, romper os limites em que a mente se fechou e transcender-se. A responsabilidade espírita é individual, cada qual responde por si mesmo.<sup>(29)</sup>

## Conclusão

Ao fazer um levantamento histórico da sexualidade humana, fica claro que foram muitos séculos de repressão, e não vai ser de uma geração a outra que tudo irá se modificar.

Muitos sentimentos são ainda reprimidos, recalcados, e é difícil por vezes pensarmos em muitos assuntos relacionados com sexualidade, pois nossa formação é repressora e castradora, por vezes não é “politicamente correto” demonstrarmos nossos desejos, nossos pensamentos, mas penso que só através do conhecimento, de discussões saudáveis, é que vamos nos tornar mais abertos, menos preconceituosos, e diminuiremos nossos temores .

A doutrina espírita nos ensina a discutir todos os assuntos em sintonia com a ciência, á partir do momento que nos abrimos para qualquer conhecimento reconhecemos nossas limitações e nossas dificuldades.

Quando discutimos sexualidade nos desnudamos de idéias e nos mostramos, e isto é muito difícil, pois todos nós temos algumas dificuldades, mas temos que ser corajosos, audazes, e tentarmos nos conhecermos.

Conhecendo-nos, temos subsídios para entender ao próximo, respeitando-o e tolerando seus anseios, suas dificuldades, seus medos, pois sabemos que nós também os temos. Ao nos preocuparmos com nosso próximo, e conhecedores de que somos, espíritos imortais, que temos nosso livre arbítrio, mas que também existe a lei de causa e efeito, não iremos ser levianos conosco nem com outrem.

Vries e Freilich(38) sugerem um “ decálogo da sexualidade” que no meu entender resume muito bem meu pensamento, que é:

- 1) A sexualidade é uma forma especial e profunda de comunicação que tendo um código, obriga a que seus constituintes o conheçam e o manejam de forma adequada.
- 2) Requer das pessoas que se reconheçam como seres sexuados e sexuais, que tem deveres e

direitos para consigo mesmo e para com a outra pessoa.

- 3) A sexualidade se origina de um profundo conhecimento que se tenha tanto de si mesmo como da outra pessoa enquanto sexo e sexualidade, da valorização das características (capacidade e limitações) e necessidades nestas áreas de ambos.
- 4) É um processo dinâmico que se transforma no tempo em suas formas de expressão e de satisfação.
- 5) Como qualquer outra forma de comunicação humana, é um processo que apresenta contínuas crises, que devem ser enfrentadas com honestidade, responsabilidade e eficácia.
- 6) A sexualidade não deve converter-se em um elemento destrutivo ao ser utilizado como instrumento de poder, possessão, manipulação e, menos ainda como elemento de contínuas reconciliações.
- 7) É um ato humano, sendo muito importante saber receber como saber dar.
- 8) A sexualidade deve desenvolver o erotismo de ambos, e o pleno desfrute da genitalidade e assim contribuir para o desenvolvimento de outras áreas de sua personalidade e vida.
- 9) Deve ser baseado no bem estar, deve ser origem do crescimento pessoal, e contra o sacrifício de uma ou de ambas as partes para manter a união.
- 10) A sexualidade para ser integral, deve ser complemento e não competência, desde o ponto de vista sensorial e intelectual, o qual permitem que se amem respeitando dignamente sua individualidade.

Acrescentaria apenas o ponto de vista espiritual, para não perdemos o parâmetro de nossa imortalidade, de nosso conhecimento sobre reencarnação, afinidades entre espíritos, vibração, troca de energia, enfim todo suporte que Kardec nos ensina a ver a vida com os “olhos de um espírita”.

“A sexualidade existe e é um sentimento básico, determinante de equilíbrio interno. Reprimi-lo é atirar-se em prisão degeneradora da mente. Consumi-lo à saciedade é cair em abismo de desestruturação da alma, busquemos sempre o equilíbrio.”<sup>(30)</sup>

A unidade e congruência de cultura e natureza, trabalho e amor, moralidade e sexualidade - desejada desde tempos imemoriais- continuará a ser um sonho enquanto o homem continuar a condenar a exigência biológica da satisfação sexual natural.

Penso que o Espiritismo contribuirá para os próximos milênios demonstrando como podemos conhecer o mecanismo biológico, psicológico, sociocultural da sexualidade, permeado pelo conhecimento da doutrina espírita, libertadora que é de preconceitos, de peias reencarnatórias, nos melhorando internamente dia após dia, melhoraremos a sociedade como um todo.

No meu entender, é uma questão de coragem de cada um de intentar ao “novo”, ao saber, ao entendimento, ao crescimento. Sei que é difícil, mas acredito que só através de nossa melhoria interna, seremos mais felizes, equilibrados, fraternos, e acima de tudo viveremos o verdadeiro sentimento maior que é o AMOR.

## Referências Bibliográficas

1. Amorim, D.:O Espiritismo e os problemas humanos.1º ed. Ed. União das Sociedades Espíritas de São Paulo, 1985.
2. Andrea, J.: Forças Sexuais da alma. 2ª ed. Fed. Espírita do Brasil. Rio de Janeiro,1987.
3. Branco, M.C.: União do Espírito ao Corpo, Jornal Abertura, 1998.
4. Cavalcante, C.: Tratamento clínico das Insuficiências Sexuais, 2º ed. Ed. Roca, 1997.
5. Chauí,M.: Repressão Sexual. Esta nossa (des)conhecida.Ed.Brasiliense. 11ed.

6. Costa, R.P.: Os Onze Sexos. 2º ed., Ed. Gente, 1994.
7. Emmanuel.: Cinquenta anos Depois. (psicogr. por Francisco Cândido Xavier) Ed. Fed. Espírita Brasileira (F.E.B.) .1957.
8. Emmanuel.: Há dois mil anos,( psicogr. por Francisco C. Xavier), Ed. F.E.B. 1957.
9. Emmanuel.: Renúncia ( psicogr. Francisco C. Xavier) Ed.F.E.B. 1958.
10. Emmanuel.: Vida e Sexo (psicogr. Francisco C. Xavier) Ed. F.E.B. 1978.
11. Ferreira, A,B.H.: Novo dicionário da Língua Portuguesa 2º ed. Ed. Nova Fronteira, 1986.
12. Freud, S.: Obras Psicológicas completas. Edição Standard brasileira. Ed. Imago.1969.
13. Foucault,M.: História da Sexualidade Vol. I, II, III Ed. Graal, 12ª ed. 1997
14. Gregersen, E.: Práticas Sexuais. A história da sexualidade Humana. 1º ed. Ed. Roca, 1983.
15. Kaplan,H.S.: A Nova Terapia do Sexo. Ed. Nova Fronteira, 4ª ed.1974.
16. Kaplan, H.S.: O Desejo Sexual. Ed. Manole.1978.
17. Kardec, A: O Livro dos Espíritos. 3º ed. Ed. Edicel, 1982.
18. Luíz, A .: E a Vida Continua. (psicograf. por Francisco Cândido Xavier) Ed. Federação Espírita Brasileira (F.E.B.),1978.
19. Luiz, A.: Entre a Terra e o Céu. (psicog. Francisco C. Xavier ) Ed. F.E.B. 1978.
20. \_\_\_\_\_ Libertação (psic. Francisco C. Xavier) Ed. F.E.B., 1978
21. \_\_\_\_\_ Mensageiros Os. (psic. Francisco C. Xavier). Ed. F.E.B., 1978.
22. \_\_\_\_\_ Missionários da Luz. ( psic. Francisco C. Xavier). Ed. F.E.B. 1978.
23. \_\_\_\_\_ Nosso Lar. (psic. Francisco C. Xavier) Ed. F.E.B. 1978.
24. \_\_\_\_\_ Sexo e Destino. (psic. Francisco C. Xavier) Ed. F.E.B. 1978
25. Mannocci, J.F.: Disfunções Sexuais. Ed. BYK, 1995.
26. Masters, W.H.,Johnson,V. E.: A Resposta Sexual Humana. Ed.Roca. 1984.
27. Masters, W.H.,Johnson,V. E.: O Vínculo do Prazer. Ed. Record.1977.
28. May,R.: Eros e Repressão. Amor e Vontade. 2ª ed. Ed. Vozes.1978
29. Nobre, M. S.: A mulher na dimensão espírita. 4ª ed.Dicesp,1981.
30. Novaes; C.E, Lobo, C.: Sexo para Principiantes. 2º ed. Ed.Ática, 1996.
31. Pires, J.H.: Curso Dinâmico de Espiritismo - O grande desconhecido. 1ª ed. Ed. Paidéia Ltda. 1979
32. Regis,J.: Caminhos da Liberdade. 1ª ed. Licespe, 1990
33. Regis, J.: O sexo na Literatura Espírita. Anais V Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (S.B.P.E.) 1997
34. Regis, J.: Sexenergia - Anais IV S.B.P.E. 1995.
35. Reich, W.: A função do Orgasmo .7ª ed. Ed. Brasiliense,1982
36. Reich, W.: Análise do Caráter. Ed. Martins Fontes, 1979.
37. Reich, W.: Escuta, Zé Ninguém! 9ª ed. Ed. Martins Fontes.
38. Reich, W.: Revolução Sexual. 8ª ed. Ed. Guanabara, 1988.
39. Vitiello, N.: Reprodução e Sexualidade, 1ª ed. CEICH, 1994.
40. Vries, R; Freilich, M.: Cada Parte Tuya, 3ª ed. Alfadil Ediciones, 1993.